

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim.
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
Consangüinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cômoda e feliz.

(...) de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,
Entre tombos, e perigos e ausência de amanhã,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com o que eu penso

(...)É preciso querer chorar, mas não sei ir buscar as lágrimas...
Por mais que me esforce por ter uma grande pena de mim, não choro,
(...)Correram o bobo a chicote do palácio, sem razão,
Fizeram o mendigo levantar-se do degrau onde caíra.
(...) criança abandonada (...) o que falta é agir...

Álvaro de Campos

“HILDA HILST ENCONTRA O CADERNO ROSA DE LORY LAMBY” análise da novela “O Caderno Rosa de Lori Lamby” de Hilda Hilst por Moisés Neto

“**O caderno rosa de Lori Lamby**”, uma **novela** da escritora **paulista Hilda Hilst** (1930), ilustrada por Millôr Fernandes (Massao Ohno Editor. SP, 1990) é um exercício sobre sexo, infância, perversão, mas principalmente sobre linguagem. A língua fêmea roçando o domínio masculino.

Vejamos: “eu tenho oito anos. Eu vou contar tudo do jeito que eu sei”, assim inicia-se uma narrativa que se torna repulsiva logo nas primeiras linhas que explicitam um dos maiores horrores de nossa sociedade, **a pedofilia**: “O homem que não é tão moço pediu para eu tirar a calcinha. Eu tirei...”. Segue-se um tortuoso caminho onde o fetiche, a minimização do abuso sexual, a responsabilidade de família na formação do homem e o delírio de uma escrita que ao buscar romper os tabus sociais vai se desenvolvendo de forma escandalosa, misturam-se de forma provocante.

É bom avisar desde o início que o final deste livro da Hilst é, de certa forma, moralizante: a garotinha apenas teve acesso ao material pornográfico que seus pais escondiam. Ele, o pai, era um escritor em crise existencial, e a mãe da garota tentava a todo custo manter um lar nos limites da normalidade.

Antes de nos aprofundarmos nesta novela, faz-se necessária uma apresentação da sua autora.

Aos 15 anos Hilda já se perguntava: “vou ser compreendida? vou ser alguém na literatura?” Trinta e tantos anos e livros depois a sua obra estava de pé. Uma obra sem muitas rivais. Uma obra dirigida ao pai, como ela afirmou (Cadernos de Literatura Brasileira nº 8, Instituto Moreira Salles. SP, 1999). Seu pai o poeta Apolônio de Almeida Prado Hilst.

Boa parte da obra de Hilda é erótica.

II- Quem é esta mulher?

O pai, além de escritor era fazendeiro, esquizofrênico, e após o seu nascimento separou-se da mulher e foi internado. Ela aos 15 anos vai morar num apartamento com uma governanta alemã na cidade de São Paulo. A loucura do pai a perturba. Aos 18 leva uma vida boêmia que escandaliza a alta sociedade paulista. Ela foi considerada uma das mulheres mais bonitas de sua geração. Teve um caso com Vinícius de Moraes.

Em 1950 (aos 20 anos) estréia com “**Presságios**” (poemas). Forma-se em direito. Vai para Europa, namora astros de Hollywood. Continua publicando seus livros.

Em 66 muda-se para a lendária **Casa do Sol**. Escreve peças teatrais. Passa a viver com o escritor Dante Cesarini. Sua mãe também é internada num sanatório.

Podemos aqui traçar **paralelos entre Hilda e Lori**, cujos pais no final da narrativa também terminam internados como loucos.

O primeiro livro em prosa de Hilda é "**Fluxo-Poema**", de 1970. Em 82 lança "**A obscena senhora D**" (prosa ficcional) e passa fazer parte do Programa do Artista Residente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Recebe os **prêmios Jabuti e Cassiano Ricardo**. Em 90 anuncia o "adeus à literatura séria" com este "O Caderno rosa de Lory Lamby", consagra sua fase pornográfica, iniciada com "a obscena senhora". Alguns se recusam a publicá-la. De 92 a 95 publica **crônicas no Jornal Correio Popular de Campinas** e em 93 ganha outro prêmio Jabuti, na categoria Contos. Em 95 a UNICAMP adquire seu arquivo pessoal.

Hilda também é ligada a questões sobrenaturais. Diz ver e ouvir fantasmas e seres do outro mundo.

III-Os amigos falam:

Editor de vários livros de Hilda, **Massao Ohno**, na edição dos Cadernos de Literatura Brasileira nº 8 (op.cit), assim expressa sua admiração sobre HH: "pouquíssimas poetisas receberam tanto espaço na imprensa como ela ou despertaram tanto interesse em diretores de teatro e estudantes às voltas com teses de doutoramento e mestrado (...) seu estilo, seu versejar forte, denso, a sua concisão e extrema elegância influenciaram toda uma geração de novos poetas(...) Entretanto na ficção, vigorosa e contundente, não teve ainda a acolhida que merece. Também seus textos teatrais continuam, em sua esmagadora maioria, inéditos (...) Inconformada com a pouca repercussão prática de sua extensa obra, enveredou pela abertura pornô-erótica. O que lhe valeu inimizades e pouco retorno trouxe (...) mesmo dentro desta proposta fez literatura de alto nível."

Carlos Vogt, ex-reitor da **UNICAMP** declara: ela conhece "o sentido secreto das palavras, não desprezando as escatológicas, para ela, como quaisquer outras".

Caio Fernando Abreu (RS 1949-96) diz que ela ignorou "a torre de cristal, o distanciamento da obra e do leitor" (Cadernos: 1999, pág 21). Comparou-a ao irlandês **Beckett** e ao americano Salinger.

IV- Pornografia no caderno rosa

Lori Lamby é a garotinha pornográfica que descreve suas "aventuras" sexuais com doçura e perversão além do conhecido. Um texto que une zoofilia, vegetalização, coprofilia e outras taras mais num universo que em nenhum momento parece conspirar contra a jovem narradora que satisfaz homens mais velhos por **dinheiro**, com o consentimento dos pais. Pelo menos pensamos que era assim até chegarmos, um tanto quanto escandalizados, até a última página.

Em Lori Lamby a escrita feminina entrega-se ao proibido. Instala-se ali uma pena cheia de tinta corrosiva. Pós-revolução sexual, pós-aids. Exige, grita, esperneia: "Sem dinheiro a gente fica triste por fim não pode comprar as coisas lindas que a gente vê na televisão" (13). Hilda zomba da mídia e compara o consumidor de pornografia a um jumento.

Foi uma senhora de 60 anos que publicou "Lori Lamby". Cronometrando sua transgressão com audácias de quem quer arrebentar limites intransponíveis, especialmente para uma escritora consagrada e etiquetada como ela era. E ela faz disso uma espécie de maldade necessária para exibir o caos ao qual estão expostas nossas crianças da era do sexo industrial e da falência da **instituição família** como era conhecida até os anos 90 do século 20 e sua devastação subsequente durante o império neoliberal.

Poderíamos comparar Hilda ao **Marques de Sade**. Mas o que notamos em Lori Lamby é um reconhecimento da maternidade frustrada, se dissolvendo.

V- Tio Abel

"Sou eu esta mulher que anda comigo?", pergunta Hilda num poema. E sobre essa poesia, seus textos, ela dizia: "A poesia não vem daqui, você recebe a poesia – ela vem de alguma coisa que você não conhece" (Cadernos...p. 29). E é desse estranhamento que Lori está empestado e, titubeando entre luz e sombras, a linguagem sai buscando, como Hilda pede, uma zona intermediária, que neste caso está além das camadas da moral cristã ou dos convencionalismos sociais.

Hilda temeu ter filhos porque um médico disse que eles podiam ser como os avós: loucos. Talvez Lori seja a projeção desta angústia: uma filha depravada aos 8 anos, se deitarmos o 8 teremos a lemniscata, o símbolo do infinito, e daí a imaginação libidinosa de Lori iria além do congênito: "Ele só pediu para dar um beijo (...) lá atrás, eu deixei (p.17)

Que espécie de intelectual do porte de Hilda se expõe a tamanha ousadia? Escrever uma novela pornográfica em nome de quê? Além do mais, Lori é a mulher/criança objeto, uma regressão que as feministas condenariam no século XX. Lori seria o inocente regresso à submissão, à prostituição, não só infantil, mas inconsciente também: "Eu peguei o pau dele e na mesma hora saiu água de leite" (p. 26).

Um dos amantes do Lori foi o **tio Abel** que dizia: "toda a humanidade, ou pelo menos 90% é gente muito porca (...) todos nós somos meio Caim, ou inteiro Caim" (pp. 27-28).

VI- Hilda e Lori

O Jornal Libération publicou uma resenha de "A senhora D" (1982) intitulada "a porca histórica", comparando Hilda a Bataille.

Hilda na entrevista para os cadernos de Literatura Brasileira (99) diz que escreveu "Lori": porque "quis me alegrar comecei a sentir um afastamento completo de todo mundo. Eles nunca me liam então decidi fazer o livro (...) Pensei: 'vou fazer umas coisas porcas' mas não consegui (...) não adiantou. Diziam que eu era difícil na literatura pornográfica". (Cadernos de Literatura Brasileira pp. 29-30).

Hilda leu sobre **Sóror Juana Inês de la Cruz** e **Santa Tereza d'Ávila**, há aí uma busca da sublime, do sagrado, onde muitos enxergam até erotismo. Ela confessa que aos 8 anos queria ser santa. "Sabia de cor a vida delas" (...) o erótico para mim, é quase uma santidade. A verdadeira revolução é a santidade. Porque você começa a querer se aproximar de Deus. Eu não dou muita importância ao erótico" (pp 30-31).

Lori Lamby quer ajudar a pai a ganhar dinheiro, pois os editores dele dizem que ele tem que escrever algo **que venda**. Ela é apenas uma criança, mas soa discurso apenas soa como infantil. Ela usa a máscara dos 8 anos, mas exala a experiência dos velhos.

Hilda afirma que nunca conheceu uma criança deslumbrante: “quando elas começam a falar são chatérrimas (...) você vê crianças de 2 anos fazendo a dança da garrafa. Será que as mães querem que elas virem prostitutas loucas? (...) Eu devo ter nascido aqui por acaso. Não entendo por que fui nascer aqui na terra (p. 32)”.

VII- O avesso do amor: um caderno negro

Não há amor em Lori Lamby: os pais se desentendem. O editor, o escrito e seus leitores se desentendem, Lori e seus homens apenas se usam. Os amantes no livro praticam **o avesso do amor**; um jogo de taras e fantasias, às vezes bem cruéis como fazer um jumento ejacular na boca de uma moça. Uma espécie de visão “trágica e negativa do humano”, como se a “compreensão poética” do amor estivesse em outra dimensão que não a destes personagens. Este jumento bem que poderia, como já dissemos, o consumidor de pornografia no meio do imenso caos brasileiro.

“Lori” é apontada por outro personagem do livro como “predestinada” e conclui: “uns nascem para ser lambidos e outros pra lamberem e pagarem” (p. 31).

Na metade do livro Lori forja um outro caderno, além do seu (rosa). É **o “caderno negro”** do Tio Abel: “A moça e o jumento”. O título já lembra os exageros maliciosos de um determinado tipo de literatura popular. “Acho que os animais são puros, não têm consciência. Já o homem, não: é safado”, disse Hilda numa entrevista.

Haveria em “Lori” uma imagem tipicamente feminina, nesta ruptura entre sagrado (puro) e profano (maculado)? Neste espaço-limiar de um texto literário belo-horrível?

O que há por trás deste eu-narrador visto à distância? “É meu este poema ou é de outra? (...) Sou eu que a mim mesma persigo/ou é a mulher e a rosa que escondidas / (Para que seja eterno o meu castigo) / Lançam vozes na noite tão ouvidas?” (Hilda em “Poesia”. Livraria Sal. SP, 1967).

Ao mergulharmos na escrita de Hilda Hilst estamos no meio de algo muito vasto. Seus silêncios perturbam. Lori Lamby é Hilda revoltada dizendo como pode responder a um leitor que a deixou de lado. Lori oferece seu corpo num holocausto juvenil que no final saberemos, estava só na sua mente de mulher-criança-escritora buscando o “frêmito da palavra” vislumbrando o eu-possível num mundo cheio de trocas.

Radicalizando, Hilda travestiu sua maturidade (à beira do testamento) em menina-**Xuxa** na dança da garrafa. Xuxa, aliás, aparece na novela de Hilst sob o nome de “Xoxa”. A apresentadora de TV brasileira ficou conhecida pelas roupas mínimas que usou para apresentar programas infantis. E lembremo-nos que foi a mídia (revista e filmes pornôis) que transformou a pequena Lori numa escritora-mirim pornográfica em busca de um texto que livrasse o pai do desespero, como Hilda a chama pelos seus pais que acabaram num sanatório.

Lori a mulher-menina-coisa e seu caderno rosa. "Tio Abel" e seu caderno negro, que começa com epígrafe de D.H. Lawrence "seu pênis fremia como um pássaro" e exibindo ilustração de Millôr Fernandes: um jumento salivando com uma mulher nua embaixo dele. O livro do "tio Abel" seria o livro que o pai de Lori estaria escrevendo.

VII- A Outra Voz

No tal caderno do "tio" a 1ª pessoa **agora é um eu-masculino**, um rapaz chamado Edernir, que assim inicia sua narrativa: "minha família foi parar numa cidade de Minas chamada Curral de Dentro. Nós éramos muito pobres, e eu fui trabalhar na roça com meus pais". (Lori: 38).

Pois bem, este rapaz vai se apaixonar por uma moça, que ele pensava ser inocente e pura que, na verdade, era uma devassa de marca maior. É a tal do jumento.

Hilda propõe um jogo que envolve 4 atores – a moça, Corina, o jumento, chamado **Logaritmo**, Edernir, o narrador e Dedé – O falado, moço "muito delicado", que morava com a mãe, ambos banguelas (todos "falavam" nele quando iam arrancar um dente). O pêlo do Logaritmo é parecido com o cabelo de Edernir. Licurgo é um personagem-secundário, pai de Corina, em quem desde cedo viu uma "desavergonhada". Ela funciona no contexto como uma Lori Lamby em corpo de mulher.

O que teria acontecido em Lori Lamby? Ela Agora está escondida atrás de uma voz masculina e projetando-se talvez na personagem Corina. Hilda brinca com estas construções em abismo.

Licurgo prepara remédios a velha Cota (personagem secundária) que é uma de suas clientes ("não parava de cagar"). Era com ela, na Serra do Ó, que Corina ia ficar de castigo. **Edernir** iria visitá-la e naquele lugar se daria o ápice da "trama" do "caderno negro" de Abel- Lori- pai (Já que ela transcreve o que recebeu de Abel para enxertar no seu livro- salva- papai escritor-frustrado.

O texto fala de seios, pênis, ânus, esperma e tatus: "disse aos meus pais (...) que eu ia andar um pouco pela Serra do Ó pra caçar tatu. Eles acharam esquisito porque eu não era de caçar tatu." (P. 43).

Cota é uma espécie meio folclórica de personagem da roça de Minas Gerais: "uai, que ocê veio fazê aqui uma hora dessa?" (P. 44), perguntou ao ver o Edernir que viera atrás de **Corina**.

Corina e Edernir fazem um sexo meio perverso (a autoria descreve as carícias prévias com detalhes), a garota mostra-se insatisfeita após o ato: "Ed você é um franguinho bobo", reclama a insaciável Corina, que diz que **Dedé** tinha um órgão maior. E sugere, atrevida: "Você não quer o meu dedo no teu buraco, Ed? (...) me dá tua língua, põe para fora (...) E começou a sugá-la como se sugam as mangas" (P. 47). Corina, em outro momento faz sexo com o Padre Tonhão (P. 49), dizendo sou "tua égua" e ele a chamando de "cadela gostosa". Edernir é o observador secreto, que vai aos extremos do prazer com a cena.

Ao reler a novela o leitor se dá conta que tudo aquilo Lori tirou de revistas e filmes que os pais trouxeram para casa. Uma crítica a esse tipo de coisa.

VIII- Barbárie?

O narrador, Edernir, previa sentir ódio de Corina, mas não conseguia. Então apela para uma metonímia: Corina transforma-se em órgão sexual rodeado de pêlos e gosma “ parecia a gosma das jabuticabas” (P. 51). Porém, ele flagra Dedé e Corina fazendo sexo, a seguir ela masturba o jumento Logaritmo e Dedé pede para ser sadomizado por Edernir. Após esse coito, o desdentado apanha até desmaiar. O narrador obriga Corina a masturbar o animal e espreme as suas bochechas para que ela posa receber aquilo na boca. Depois diz: “meti-lhe um murro, quebrando-lhe os magníficos dentes (...) nunca mais voltei a Curral de Dentro. Eu era moço bonito, também com dentes perfeitos (...) hoje sou dentista”. Vemos a presença da palavra “dentes” permeando o caderno negro. Uma palavra carregada de simbologia. Um dos significados é o aviso de morte. E a morte aqui se transforma em transgressão, através do sexo, da violência e até mesmo da inocência, no caso de Lori, por exemplo.

IX- A responsabilidade dos pais

Lori retoma a narrativa: “Tio Abel eu tive sonhos muito feios depois de ler a história que o senhor me mandou (...) vou colar figurinhas do He-Man e da Xoxa na beirada do caderno e tudo vai ficar mais bonito. (P. 57)

Lori presencia discussão entre o pai e a mãe: “Você é mesmo burra, Cora, vai ter pênis o(...) vagina, traseiro (...) é a história de uma menininha (...) sua imbecil”. É o jogo de espelhos: Hilda brinca com os reflexos de uma sociedade perversa, materialista.

Os pais dizendo tais coisas na frente da filha que sabia da crise do escritor (Pai). Hilda nos dá pistas do seu objetivo: o nome da mãe de Lori, Cora, “mami”, lembra o da personagem Corina. Percebemos então a mise en abyme praticada pela menina.

“Hoje o ditado é sobre o nordeste, aquele lugar que papi diz que todo mundo morre, e quando ele fala desse lugar, ele fica meio louco e usa uma palavra esquisita, ele fala assim: “esses políticos são todos uns escrotos”. O que é escroto, hein tio?”, pergunta a inocente Lori.

Os pais são culpados? O leitor tem culpa? Hilda? Lori? O sistema?

X- Horizontes de expectativas

“Minha **boneca de seda**, de **açúcar com groselha**, mija amornada na minha pica, sentadinha nela, defeca sobre minha barriga”, pede um dos amantes de Lori, quebrando ao mesmo tempo vários **tabus**.

Os pais de Lori compraram, talvez, material que inspirasse o novo livro de papi, que deveria vender muito, o editor, Lalau, aparecia de vez em quando para dar sugestões sobre que tipo de livro ia vender bem. A menina escutava as conversas. Ela só queria ajudar, e assim, furtivamente, teve acesso às revistas e filmes pornô? São lacunas que o leitor deve preencher.

Que tipos de horizontes de expectativa pululam nesta novela?

Hilda satisfaz os anseios do grupo que ela mirou ao produzir esta obra em 1990? Que tipo de leitor ela imaginou quando criou esta novela?

X- Poesia, ficção & teatro

Até 1967 Hilst produziu só poemas. A partir de então surge a ficcionista e a dramaturga. Misturando sátira e sondando o divino ela busca através do retrato de um cotidiano adulterado (pela perversão?) atingir **o cósmico**, passando pela sexualidade e a morte: In: "Olhei-me a mim, como se tu me olhasses", sentenciou. (em Poesia. Livraria Sal. SP, 1967).

A ficção hilstiana, que tem em "o caderno: de Lori Lamby" uma espécie de estranho fruto, quase proibido aos padrões tradicionais de leitura, transgride em nome da ânsia de uma popularidade, ou de vingança, cega.

Hilda manipula os fios, tece seu tapete como astuta artesã que, ciente dos próprios dons, resolve-se por um desenho inusitado: pedofilia. E usa para isso uma insuspeitável narradora: a pequena e adorável Lori Lamby.

"Lamby" de lamber, mas também do inglês "Lamb", cordeiro.

A menina que aparece como alimento-pão. A menina- bebida em vez de vinho-sangue, surge como groselha açucarada, a "bonequinha de seda", fetiche. E Assim celebra-se uma estranha deturpação da eucaristia.

Os pecados do mundo: cobiça, luxúria e tantos outros, enfiados num caderno rosa. "Eu acho que ele está lindo", escreve a pequena narradora.

Lori também forja um personagem-vizinho-de 11 anos, o José de Alencar que mora na rua Machado de Assis aí o leitor tem mais pistas do jogo de espelhos hilstiano. Nomes de escritores que possivelmente Lori acha nos livros dos pais.

Logo a seguir Lori confessa que inventou tudo e fala num certo tio Dalton (**Trevisan?**), **Inácio** (de **Loyola Brandão?**) e Millôr, os "tios que escrevem". Assim Hilda inocenta-se, a menina é reflexo, vira hipertexto destes escritores que também praticaram "transgressões" das normas sociais em suas obras.

XI- Fábulas

O livro se encerra com duas fábulas: na 1ª um sapo conversa com uma minhoca e com uma coruja sobre seu ânus. Na segunda uma mosca conversa com uma cascata.

E por fim uma 3ª historinha sobre um rei de duas cabeças sobre uma bruxa que queria cortar-lhe as duas.

É Hilda encenando o final de mais um texto com um poema satírico/enigmático sobre um inusitado triângulo sexual um efebo, uma mulher e "alguém" que numa manobra ágil de jovem marinheiro/arrancou do efebo as luzidias calças/suspendeu-lhe o traseiro e aiiiiii.. / e gozaram os três entre os pios dos pássaros / das araras versáteis e das meninas trêfegas." (P. 86)

XII- Dançando na beira do abismo

Nojo, talvez seja algo que o caderno Rosa provoca, repulsa, desejo de vingança? Volúpia. O quê?

Trata-se de um desmesurado ato de **linguagem** provocativa.

O que chega aos olhos do leitor das letras hilstianas, é uma dança à beira do abismo que se encontra por trás delas. Uma sonoridade, um cheiro, um gosto, pode-se quase tocar em Lori Lamby, pode-se vê-la, não só pela ótica de Millôr Fernandes, que ilustrou a edição (mas só gostou de dois desenhos), mas também por um sexto sentido animal e cósmico que se esconde de cada humano leitor.

Como pedia **Virginia Woolf** no ensaio "A room of one's own" (Oxford University Press. Great Britain, 1992) Hilda tinha o seu teto, sua famosa Casa do Sol, um sítio a 11 km da cidade de Campinas (SP). Viveu, produziu e então podia dizer o que queria. E disse. Há um significado divino para a vida humana, porém no caderno Rosa (e no caderno Negro) encontramos pessoas-coisas com o olhar guardado entre si e a si mesmas comendo num festim de sensualidade, de sinestesia simbolista, preparando armadilhas para o leitor/voyeur. Palavras chulas diante da sublime beleza, personagens – rebotalhos prontos para arder na fogueira cristã. Sinais de que a natureza não nos esqueceu. Pedacos de um sonho proibido, sem começo nem fim exatos. Hilda traçou um círculo de agonia. Um pedido por mais amor e harmonia. Uma provocação na solidão da Casa do Sol, onde a autora vive reclusa há década.

A podridão da carne, nossa miséria máxima, exposta sem ascos à resistência do registro escrito.

Para o povo brasileiro que, em sua maioria, se horroriza com a solidão, o tema no qual Hilda insiste cobra-lhe um distanciamento que afasta o leitor comum que ela buscava na época, ao escrever sua novela "pornográfica" sobre uma garotinha escritora, Lori Lamby.

XII- Concluindo: In Dog we trust

A garota presenciou os pais discutindo sobre o fazer literário, a sífilis e o talento de Flaubert, e outros assuntos pertinentes. Ela fica curiosa e quer saber de tudo. Instala-se a metalinguagem, "O caderno rosa de Lori Lamby" vê a sua própria escrita se desenrolar sob um enfoque que nos lembra as sátiras barrocas do baiano **Gregório de Matos** no Século XVII.

Tudo que é visível se acaba, a idéia de Deus, não. Ela vem atravessando a humanidade sob diversas formas. Um legado a toda prova ao lado disso "o Caderno" propõe um pleno **exercício físico e psíquico**. Uma loucura. Uma amplificação do poder **da voz que narra**, algo que não poderia mais ficar escondido: o efeito Lori Lamby.

Os pais da menina-personagem-narradora – são internados depois do choque que foi ler os escritos da filha deles. O mesmo destino dos pais de Hilda, que, por motivos outros, parecem pairar sobre esta novela.

O pai de Hilda enlouqueceu jovem e passou 30 anos neste estado de confusão, chegando a confundir-la com sua esposa e convidá-la para fazerem amor, quando ela tinha 16 anos.

Hilst tem raiz na palavra Hülse, invólucro, estojo. A família veio da Alsácia, entre Alemanha e França. Hilda aos 33 anos retirou-se da cidade grande e trancou-se no seu sítio, criando quase uma centena de cachorros. Ela vê fantasmas e ouve vozes. "E se Deus fosse o amor?", foi uma das "mensagens" que ela já recebeu destes seres. Entre matéria e antimatéria ela desliza.

Já no livro "Tu Não te Moves de Ti" (Cultura. SP, 1980), já há sinais de Lori: "A mãe chamou um homem que fizesse rezas sobre mim(...) entornou-me as costas, eu sentia um divino molhado sobre as nádegas (...) me fez sugar o sumo santo (...) depois meus dedinhos inteiros penetraram na boca do homem e ele os chupava em gozo como se chupa o carnudo das uvas. Oito anos apenas me faziam a idade." (P. 53)

Coprologia, tratado dos excrementos, escatologia os "**fins últimos**" do homem, Hilda nada teme, nem a morte de seu próprio texto, pobreza, fealdade, medo, nem ser a mais esquecida prisioneira, a mudez, o desordenamento, a falta de alívio a nudez.

E assim se expôs drummondianamente nas casas, bibliotecas, vitrines de livrarias, invertendo a fragilidade em **banalidade**, e redimensionando esta última fazendo-a titubear entre o supremo e a "baixaria" abjeta, o metafísico e o demasiado humano, "porco-poeta".

Em "Contos d' Escárnio / Textos Grotescos" (Ed. Siciliano. SP, 1992) Hilda chega a ponto de criar a imagem de um "Clitóris-dedo" inspirando-se no dedo de Deus da Capela Sistina. Em outras ocasiões, de expressar seu amor pelos cães subvertendo e satirizando o lema do dólar norte-americano: "IN DOG WE TRUST". E diz que para fazer-se conhecido os autores têm que escrever em inglês, o português é um desconhecido e que ser brasileiro é "ser ninguém, é ser desamparado e grotesco diante de si mesmo e do mundo" (Cadernos de Literatura. Brasileira. Inst. Moreira Salles. SP, 1999) (P. 120).

Ela ama os animais, e em vários livros aparecem humanos apaixonados, ou mantendo relações sexuais com jumentos, macacas, porcas, etc. O animal como semelhante é outra das suas provocações para esta vida "besta". Ela pergunta: o que é estar vivo? "Por que os dentes caem quando estamos velhos, mas ainda vivos, e permanecem eternos nas nossas límpidas e luzidas caveiras?" (em "Cascos & Carícias". Nankin Editorial. SP, 1998).

Hilda é a boca de Lori Lamby, sua oralidade infantil, seu trabalho com a língua corre riscos entre o cósmico e o cômico do nosso mercado editorial.

